

OLIVEIRA VIANNA E MONTEIRO LOBATO – O AMERICANISMO E IBERISMO EM DIÁLOGO.

Fabiana Mannes S. Santos.

Um desejo de fazer do Brasil um país moderno. Talvez esta afirmação resuma o que o grupo de intelectuais, do qual Oliveira Vianna fazia parte, intentava com suas análises, que por sua vez, se constituiriam como produtos de uma “classe” desejosa de obter, de uma vez por todas, a sua autonomia. O intelectual no Brasil, mesmo atrelado ao Estado, conquistava, na década de 20, definitivamente o seu status¹.

Foi uma época especial, a dos anos 20 ao Estado Novo, na medida em que era estabelecida uma dinâmica de aproximações sucessivas entre diferentes correntes de pensamento, cujos participantes possuíam um ideal comum de modernizar o país, mantendo os vínculos com a tradição², buscando na experiência histórica a chave para seus diagnósticos. Especial, não apenas, pela possibilidade de diálogo e relações de grupo. É a partir da década de 20 que a visão da “intelligentsia brasileira”, de mera factual (uma história “événementielle”), adquire contornos interpretativos³.

Lado a lado, a prática historiográfica, a escrita literária e a escrita sociológica atuavam como elaboradoras de idéias nacionalistas, ou em outras palavras, e ao menos em relação às análises do grupo de Oliveira Vianna, como produtoras de uma consciência nacional materializada numa engenharia social ideológica consciente e deliberada pelo Estado brasileiro⁴.

Este grupo de intelectuais sinalizava para a inviabilidade da permanência do projeto de uma república oligárquica para o Brasil; apelava à unidade do país,

¹ Ver Daniel Pécaut.. *Os intelectuais e a política no Brasil*. (trad.) São Paulo, Ática, 1990.

² Ver Lúcia Lippi – *A Questão nacional. In: Elite intelectual e debate político nos anos 30: uma bibliografia comentada da revolução de 30*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1980.

³ Ver José Roberto. do Amaral Lapa – *A historiografia brasileira contemporânea – a história em questão*. Rio de Janeiro, Vozes, 1981.

⁴ Ver Angela de Castro Gomes – *História e Historiadores – A Política Cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.

que acreditava estar se perdendo. Sua função era em estruturar uma espécie de levantamento sociológico do Brasil, abandonando as idealizações quanto à sua história e o seu povo, ajudando a inaugurar no Brasil um estilo de pensar⁵. Oliveira Vianna e seus pares aceitaram o desafio de (re) conhecer o Brasil: viram que o país possuía uma elite desinteressada da realidade nacional, ávida importadora de modelos e práticas políticas. Acreditavam na possibilidade de mudanças positivas, desde que as elites pudessem superar o estado de completo desconhecimento da terra e do povo, e adquirissem a competência requerida⁶ para tal.

Como discorreu Sérgio Miceli⁷, a década de 20 inaugurou uma série de transformações nos mais diferentes planos da vida do país: no econômico, contou com uma crise do setor agrícola voltado para a exportação, uma aceleração dos processos de industrialização e urbanização, além de um Estado cada vez mais intervencionista; no social, o surgimento de novos atores; no político, revoltas militares, declínio político da oligarquia agrária, abertura de novas organizações partidárias, expansão dos aparelhos do Estado, e por fim, no plano cultural, com a criação de novos cursos superiores, expansão da rede de instituições culturais públicas.

Grosso modo, Oliveira Vianna fez parte de uma linhagem intelectual que se colocou a favor do Estado, e mais ainda, a favor de um deslocamento de forças que privilegia a atuação do Poder Executivo na organização do país no que diz respeito, principalmente, à manutenção da ordem, objetivo primeiro de qualquer ação política. Entretanto, esta postura de crença em relação ao poder de mudanças via Estado não era de domínio exclusivo de Oliveira Vianna e seus pares: ela perpassava também as propostas de intelectuais de outras tendências ideológicas. No caso, nos referimos a Monteiro Lobato.

⁵ Ver Octavio Ianni. *A idéia de um Brasil moderno.*, São Paulo, Brasiliense, 1996.

⁶ Ver Lúcia Lippi Oliveira (coord.) *Elite intelectual e debate político nos anos 30: uma bibliografia comentada da revolução de 30.* Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1980.

⁷ Sérgio Miceli. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945).* São Paulo, Difel, 1979, p.16.

Estamos diante de representantes de pólos ideológicos opostos: um o “antípoda” do outro ⁸, onde em princípio, a possibilidade de diálogo é inexistente. Porém, ambos são integrantes de uma geração de intelectuais que abraçam a tarefa de redescobrir o Brasil. São personagens de uma época em que a construção da identidade nacional se apresentava como a mais importante tarefa. Falamos aqui de dois pensadores cuja “escolha” para execução desta empreitada teve como base um olhar para um Brasil real, tal como acreditavam ter se constituído. Esta opção representava um abandono às concepções cunhadas por autores românticos que vislumbravam no enaltecimento de qualidades “nacionais”, seja a mistura de raças, a natureza, o caráter do brasileiro, um caminho factível para a formação de nossa memória e nacionalidade. Falamos, portanto, de uma situação onde se dava uma verdadeira disputa entre uma “literatura sorriso da sociedade e escritores - cidadãos”⁹. A preferência por este segundo grupo, entretanto, produziu diferentes olhares, a partir de diferentes estilos de pensamento, que iriam desde uma filiação a uma via liberal “à brasileira”, no caso de Monteiro Lobato, até soluções de cunho autoritário, no caso de Oliveira Vianna. Porém, intentamos aqui discutir o que tornou possível uma troca de idéias entre os dois, ou mais que isso, tentar mostrar como no Brasil sempre existiu uma certa fluidez ideológica, a ponto de aproximar correntes de pensamento tão teoricamente opostas.

Dito isso, já de início é possível afirmar, no caso de Monteiro Lobato e Oliveira Vianna, os motivos que os fizeram pensar em uníssono: foram seus diagnósticos e as soluções propostas para um novo Brasil, mesmo que, enquanto Monteiro Lobato tinha por modelo os Estados Unidos e que desejava que o Estado cumprisse a tarefa de acelerar o tempo em direção ao mundo do progresso, rompendo com os laços do atraso, Oliveira Vianna indicava que o ingresso do Brasil no mundo moderno aconteceria sem o abandono do nosso passado ibérico.

⁸ Ibidem.

⁹Ver André Luiz de Campos. *A república do Picapau Amarelo*. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1986.

-Monteiro Lobato e as velhas tintas lusitanas.

Enquanto esse milagre se operava ao norte do continente, um país ao sul, de igual extensão territorial e povoado com os mesmos tipos de elementos humanos, europeu, negro e índio, permanecia em profundo estado de dormência. Um pântano com quarenta milhões de rãs coaxantes, uma a botar a culpa na outra do mal estar que todas sentiam. Procuram soluções políticas, mudam a forma de governo, derrubam um imperador vitalício para experimentar imperantes quadrienais; fazem revoluções, entrematam-se, insultam-se, acusam-se de mil crimes, inventam que o pântano permanece pântano porque há uma crise moral crônica. O mal nas rãs é julgar que sons resolvem problemas econômicos. Trocam o som “monarquia” pelo som “república”. Depois inventam sons inéditos – “reajustamento”, “congelados”, “integralismo”. O próprio das rãs é esses excessivo pendor musical. Querem sonoridades apenas.¹⁰

O diagnóstico de Monteiro Lobato a respeito do Brasil não diferia em nada do elaborado por Oliveira Vianna; são temas recorrentes na sua produção, seja como jornalista, seja como publicista a construção da nacionalidade brasileira, a situação do campo e a discussão sobre a real vocação agrária do Brasil e, é claro, a presença do caboclo, ou do seu “Jeca Tatu” na formação do povo brasileiro em todas as suas especificidades. Ele é um dos proponentes de uma transformação radical nas interpretações da vida brasileira; sua crítica é direcionada aos românticos e ufanistas, desde Bernardo Guimarães até Affonso Celso que não falavam de um Brasil tal como ele se constituía através de uma colonização predatória, cujo produto direto foi, segundo Monteiro Lobato, a constituição de um povo de mentalidade parasitária e atrasada¹¹.

Monteiro Lobato visava, portanto, denunciar o que acreditava ser uma camuflagem da realidade brasileira, rechaçando, com isso, o Brasil literário

¹⁰ Monteiro Lobato. *Prefácios e Entrevistas*. São Paulo, Brasiliense, 1948, p. 64.

¹¹ Ver André Luiz Vieira Campos. *Op. cit.*

herdado do Romantismo e de sua vertente poética, o Parnasianismo ¹². Ele apela para a urgência de se empreender um levantamento sociológico do Brasil ¹³, encerrando a continuidade de práticas políticas que denunciavam um desconhecimento do Brasil real; como exemplo, ele faz constantes referências ao funcionamento do ministério da agricultura, que, para ele, é o retrato exato de quão errada está a execução de políticas públicas no país.

Como exemplo de eficiência, Monteiro Lobato se espelha em muito na experiência norte-americana de organização da sociedade; deposita sua crença na industrialização como móvel de progresso e em uma não intervenção agressiva do governo na produção do país.¹⁴ Ele aponta uma resistência do Brasil em trilhar este caminho do progresso e a credita, em um primeiro momento, ao povo, ao “conjunto de Jeca-Tatus”, a mais bem acabada produto da colonização empreendida aqui: o nosso caipira é o grande mal a ser corrigido, já que se mostrava incapaz de evoluir e impenetrável ao progresso ¹⁵, muito em função da noção de trabalho que aqui, mais uma vez graças à colonização, foi deformada em relação ao mundo liberal.

A trajetória intelectual de Monteiro Lobato, entretanto, permitiu certas revisões de conceitos e afirmações, tal como em Oliveira Vianna. É inegável que em ambos, não importando a denominação empregada, Jeca Tatu, mestiço, povo-massa... , a atenção aplicada ao tema *formação do povo* é soberana; mas, além disso, a abordagem varia quando o tema é retomado, após repensarem a aplicação de teorias racistas oriundas da Europa. Para eles, a raça deixa de ser determinante na formação da nacionalidade: de objeto de crítica, o “mestiço Jeca

¹² Não intentando enveredar para uma discussão de cunho literário, a produção de Monteiro Lobato se insere no chamado movimento Pré-Modernista, já que trabalha em suas obras com os elementos que o caracterizam: “realidade brasileira”, regionalismo, tipos humanos marginalizados,, e finalmente, uma forte ligação com fatos políticos, econômicos e sociais do seu tempo, assumindo, posteriormente, posições anti-modernistas. Ver José de Nicola. *Literatura Brasileira*. São Paulo, Scipione, 1990, 2^a ed,p.176.

¹³ Ver Monteiro Lobato. *Prefácios e Entrevistas*....p.71.

¹⁴ Referência a uma correspondência à Oliveira Vianna, sem registro, enviada no período em que Monteiro Lobato esteve nos Estados Unidos; Casa de Oliveira Vianna, Niterói.

¹⁵ Ver André Luiz Vieira Campos. *Op. cit.*,p.17.É interessante a forma com que ele nos apresenta o processo de criação do Jeca Tatu.

Tatu” passa a objeto de correção protetora, uma espécie de vítima não apenas da formação do país, mas também de uma errada condução exercida por uma elite nada familiarizada com as coisas nacionais; este é talvez o primeiro ponto de confluência das análises destes dois intelectuais, uma visão, em princípio, crítica a respeito do povo, dada à sua caracterização racial, e que posteriormente, se torna paternalista ¹⁶, já que a responsabilidade pelo atraso brasileiro passa a ser creditada a essa “gente civilizada”.

Feito o diagnóstico, as proposições para mudanças de Monteiro Lobato se convergem para a formação de uma elite-guia. Monteiro Lobato trabalha, para isso, com paradigmas ora alemães, ora norte-americanos. A solidez da nação alemã expressa no conhecimento da matéria-prima do seu povo, buscada na sua história, e não importada, aliada à dinâmica nas relações regidas pelo capitalismo presente na experiência norte-americana. Ele nos faz perceber a urgência do abandono deste estágio de atraso, cuja responsabilidade está nas mãos, para ele, dos intelectuais formadores de uma elite ¹⁷ que detém os mais preciosos valores morais e mentais, e que está à espera, aguardando o chamado para a ação: “os intelectuais são os verdadeiros guias, que dirigem os dirigentes”¹⁸. E para ele, naquele momento, não existia melhor direção do que aquela apontada por Oliveira Vianna:

“Você é o grande mentor de que o país precisava. Não há nenhuma visão hoje mais precisa que a tua... Você é uma espécie de Messias, um homem que traz a luz nova ¹⁹”.

Monteiro Lobato encontrara nas obras de Oliveira Vianna a expressão daquele “olhar sociológico” que tanto o inspirava a construir um outro Brasil: o elogio às suas obras, cujo contato era sempre imediato à sua conclusão, já que

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ Ver André Luiz Vieira Campos. *Op. cit.*,p.160.

¹⁸ *Ibidem*.p.59.

¹⁹ Correspondências enviadas à Oliveira Vianna, entre as décadas de 20 e 30. Casa de Oliveira Vianna, Niterói, reg. 105032/105033.

era seu editor, era uma constante²⁰. Eram considerados por ele como verdadeiros guias, recomendados para leitura aos representantes da elite que desejava reformar, entre eles, despontavam figuras como Arthur Bernardes e Washington Luís²¹. Monteiro Lobato acreditava na força das idéias de Oliveira Vianna, como realizadoras de uma nova etapa da trajetória brasileira. Para expressar esta crença, ele faz referência em algumas correspondências às “práticas civilizatórias” aplicadas em tempos coloniais no Brasil pelos jesuítas. A influência das idéias de Oliveira Vianna, para Monteiro Lobato, deveria ser de tamanha amplitude como fora a presença desta ordem religiosa na estruturação do “povo” brasileiro²². Para Monteiro Lobato, padecemos de uma crise moral, expressa em práticas corruptas e em um utilitarismo imediatista, crise esta agravada com a república, cujas elites só se preocupam em atender interesses pessoais, abrindo um abismo entre o Estado e a massa. Não temos definidas diretrizes sociais, já que os intelectuais brasileiros se abstêm de suas responsabilidades sociais²³, o que não é o caso para Monteiro Lobato, de Oliveira Vianna, já que o seu ingresso na política é saudado por Lobato²⁴. O editor, pensador, escritor..., Monteiro Lobato aponta os problemas, e os vê solucionados com a aplicação do que Oliveira Vianna organizara em suas obras. Portanto, reformas políticas que visassem a construção de um novo Brasil, para Monteiro Lobato, passariam obrigatoriamente, pelas idéias de Oliveira Vianna.

-O americanismo e o iberismo em diálogo.

Tornar esta relação de laços intelectuais tão estreitos entre Monteiro Lobato e Oliveira Vianna, objeto de análise, é uma tentativa de entender como os intelectuais no Brasil pensavam o país e apontavam caminhos para reformá-lo. Esta tarefa torna-se mais instigante por se tratar, aqui, de representantes de

²⁰ Vale a referência à duas correspondências enviadas por Monteiro Lobato a Oliveira Vianna, onde em uma ele solicita uma matéria de sociologia para a Revista do Brasil e um artigo para a Revista Brasileira; em outra ele lhe agradece o envio da obra Raça e assimilação. Casa de Oliveira Vianna, reg.105032, 105034

²¹ Correspondência. Casa de Oliveira Vianna, Niterói, reg.105031.

²² Correspondência. Casa de Oliveira Vianna., Niterói. reg. 105023.

²³ Ver André Luiz Vieira de Campos. *Op.cit.*p.55,56,59.

²⁴ Correspondência, Casa de Oliveira Vianna, Niterói,reg.105055.

correntes teóricas opostas, onde uma complementaridade de idéias até então pareceria impensada.

Esta relação, assim entendemos, abala as propagadas divergências entre estas duas correntes, que dizem que se nos iberistas encontramos no seu substrato a perspectiva da conservação, da persistência da ordem social agrária brasileira, sem nenhuma possibilidade de superação inscrita em seus prognósticos que altere substancialmente a ordem social existente, nos americanistas a perspectiva é oposta, pois traz implícito a dimensão da mudança transformadora, pois refere-se às condições de superação da forma de ordenamento social vigente, tentando mostrar como a sociedade patriarcal estava sendo rompida pela expansão crescente de relações capitalistas de produção, que se ampliavam no bojo da industrialização e urbanização, em curso²⁵. Embora de representações desequilibradas, insiste-se em afastá-los, sempre sob o signo da conservação em detrimento às mudanças.

“No dia em que o mundo rural se achou desagregado e começou a ceder rapidamente à invasão impiedosa do mundo das cidades, entrou também a decair, para um e outro, todo o ciclo das influências ultramarinas específicas de que foram portadores os portugueses. Se a forma de nossa cultura ainda permanece largamente ibérica e lusitana, deve atribuir-se tal fato, sobretudo às insuficiências do americanismo, que se resume até agora, em grande parte, numa sorte de exacerbação de manifestações estranhas, de decisões impostas de fora, exteriores à terra”²⁶.

Acreditamos, porém, que a descrença na possibilidade de mudanças estruturais que não pela via do Estado, *habitat* de uma elite preparada e esclarecida, de forma a acabar com a influência dos poderes locais, formadores das pulsantes “repúblicas do pica-pau amarelo”, uniu Oliveira Vianna e Monteiro

²⁵ Marta Zorzal e Silva. *Estado e Sociedade na perspectiva de Oliveira Vianna e de Sérgio Buarque de Holanda*. Departamento de Ciência Política da Universidade do Estado de São Paulo, 1996,p.21-22.

²⁶ Sérgio Buarque de Holanda. *Op. cit.*p.172.

Lobato. Pensando a partir do conceito de *autoritarismo instrumental*²⁷, o ponto comum deles era justamente a necessidade de construir uma ordem política soberana em relação ao localismo²⁸, que antecederesse à estruturação de uma possível sociedade liberal, livres dos vícios e deformações das já constituídas²⁹, através de um “projeto de Estado reformador e civilizatório, na tentativa de criar o indivíduo e o mercado livre por meio de uma ampla intervenção política sobre o social”³⁰. Para ambos, portanto, o Brasil precisava de um sistema político intervencionista cujo programa econômico e político fosse capaz de demolir as condições que impedem o sistema social de se transformar em liberal³¹. A superação da ordem social vigente estava no horizonte de ambos.

Acreditava Monteiro Lobato que por o Brasil não estar em conformidade com o mundo civilizado a partir de noções liberais para o exercício das liberdades políticas³² na sua plenitude, uma intervenção executada por uma elite preparada era necessária, tal como era para Oliveira Vianna.

Não se trata aqui de retirar de Oliveira Vianna o rótulo “autoritário”, “racista”, etc... já impostos pela historiografia, e sim de ajudar a ampliar o horizonte de discussão a seu respeito. Com Monteiro Lobato ele partilhava o ideal de um Brasil a ser construído, levando-se em conta ainda as nossas raízes ibéricas.

²⁷ Ver obra mais recente de Wanderley Guilherme dos Santos. *Décadas de espanto e uma apologia democrática*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

²⁸ Luiz Werneck Vianna. *Op. cit.*, p.355.

²⁹ *Ibidem*, p.391.

³⁰ *Ibidem*. p.362.

³² Monteiro Lobato. *Op. cit.* p.304.